

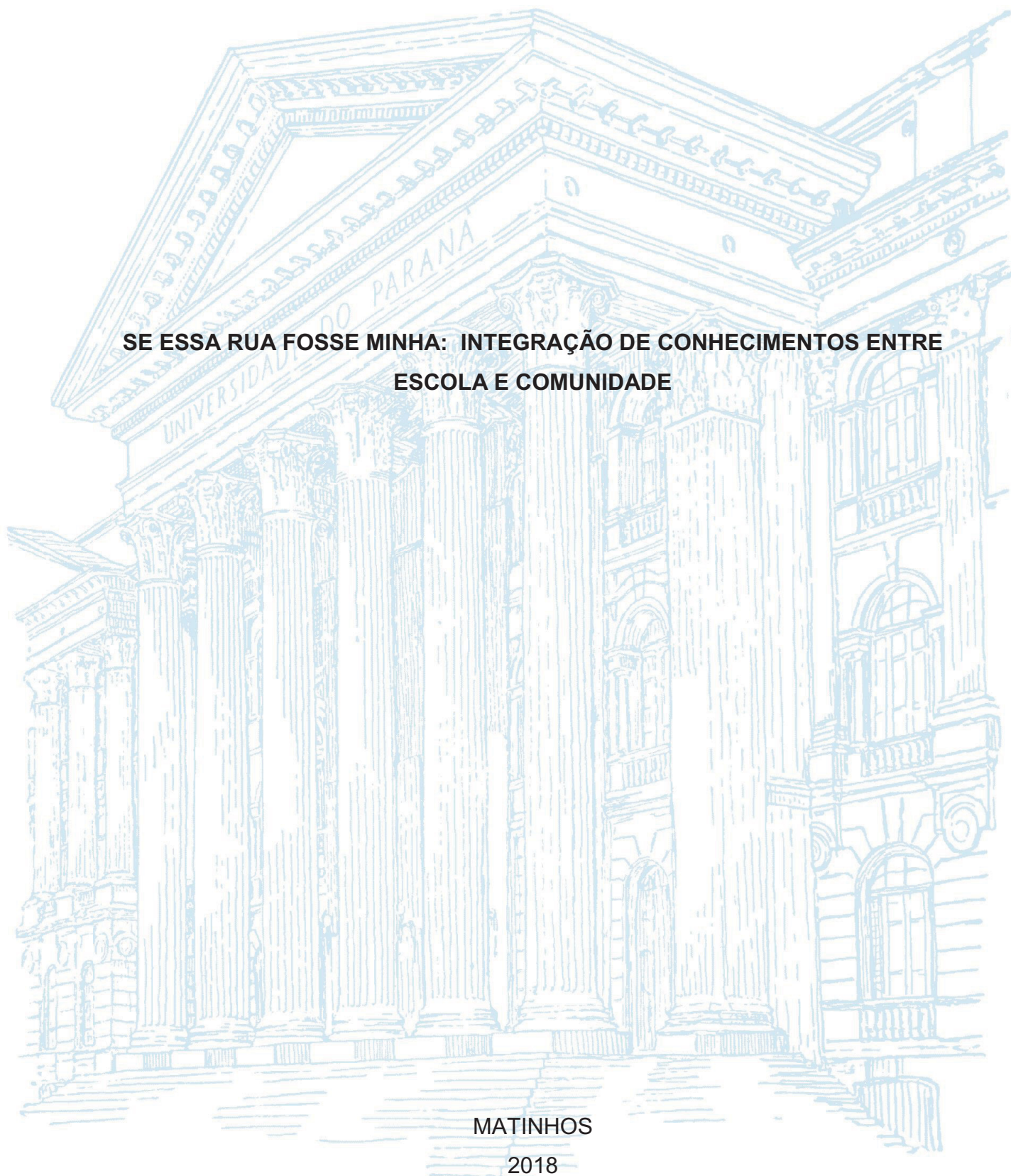
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PATRÍCIA ARGENTON

**SE ESSA RUA FOSSE MINHA: INTEGRAÇÃO DE CONHECIMENTOS ENTRE  
ESCOLA E COMUNIDADE**

MATINHOS

2018



PATRÍCIA ARGENTON

**SE ESSA RUA FOSSE MINHA: INTEGRAÇÃO DE CONHECIMENTOS ENTRE  
ESCOLA E COMUNIDADE**

TCC apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Alternativas para uma Nova Educação.

Orientador: Prof. Dr. Valdo José Cavallet

MATINHOS

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR LITORAL

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ALTERNATIVAS PARA UMA  
NOVA EDUCAÇÃO



## PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo orientador Professor **Dr. Valdo José Cavallet**, realizaram em 29 de junho de 2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **Patricia Argenton**, sob o título "SE ESSA RUA FOSSE MINHA: INTEGRAÇÃO DE CONHECIMENTOS ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE", sendo quesito parcial para obtenção do Título de Especialista no Curso de *Especialização em Alternativas para uma Nova Educação*, pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, tendo sido "APROVADA".

Matinhos, 30 de junho de 2018.

Dr. Valdo José Cavallet  
Professor Orientador

MSc. Susan Regina Raittz Cavallet  
Professora Integrante

Dra. Vanessa Marion Andreoli  
Professora Integrante

Patricia Argenton  
Estudante

### Conceitos de aprovação

APL = Aprendizagem Plena  
AS = Aprendizagem Suficiente

### Conceitos de reprovação

APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente  
AI = Aprendizagem Insuficiente

Dedico este memorial à Clarissa e Anabella que fortalecem meu desejo de construir uma sociedade mais justa a cada dia.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Deus pelas dádivas e bênçãos que me concede a cada dia. Ao meu amado companheiro Leandro, que sempre está ao meu lado me apoiando e incentivando em todos os projetos que entro. Os colegas da turma da ANE, que sempre estiveram propostos a ajudar e discutir novas soluções para a educação. À equipe diretiva da Escola Municipal Prof. Erasmo Pilotto que abriu as portas para a execução deste projeto. Meus amigos e colegas de profissão, que sempre me fazem refletir sobre minhas práticas educativas.

Ah, a rua!  
Só falam de tirar as crianças da rua.  
Para sempre?  
Eu sonho com as ruas cheias delas.  
É perigosa, dizem: violência, drogas...  
E nós adultos, quem nos livrará do perigo urbano?  
De quem eram as ruas?  
Da polícia e dos bandidos?  
Vejo por outro ângulo:  
Um dia devolver a rua às crianças  
Ou devolver as crianças às ruas;  
ficariam, ambas, muito alegres.  
(Paulo Freire)



## RESUMO

Acreditando que o conhecimento também está fora dos muros da escola, propus aos alunos de 2º. e 3º. anos da Escola Municipal Prof. Erasmo Pilotto, situado no Bairro Alto, em Curitiba uma pesquisa de campo por algumas ruas do bairro. O estudo consistiu em sair nos arredores da escola para constatar se existiam brincadeiras tradicionais nos espaços públicos e identificar os locais sagrados do bairro, em conjunto com a professora de Ensino Religioso. Os estudantes observaram poucas crianças brincando pelas ruas, aproveitaram o trajeto para subir em árvores e balançar em um balanço de pneus, também reconheceram as igrejas e símbolos sacros. No retorno à escola, levantamos as informações coletadas e fizemos uma pequena análise. Em um outro momento, os pais das crianças do Ciclo I foram convidados para participar de uma roda de conversa sobre as brincadeiras tradicionais e a confecção de brinquedos com sucata. Os alunos do Ciclo II fizeram um mapa do brincar, marcando pontos propícios para brincadeiras. Além do entusiasmo provocado nos estudantes, as atividades promoveram uma reflexão sobre a falta de espaços públicos destinados ao público infantil. Percebi que além de mobilizar os estudantes lancei uma mudança na visão de aula sobre alguns colegas de profissão, que me procuraram para realizar essa proposta com outras turmas. Com muita esperança numa quebra de paradigmas, pretendo dar continuidade ao projeto, sempre aprofundando minha práxis.

**Palavras-chave:** alternativas educacionais 1. brincadeiras de rua 2. integração entre escola e comunidade 3.

## ABSTRACT

Believing that knowledge is also outside the school walls, I proposed to the 2<sup>th</sup> and 3<sup>th</sup> grade students of the Escola Municipal Prof. Erasmo Pilotto, located in the Bairro Alto, in Curitiba a field survey by some streets of the neighborhood. The study consisted of going outside the school to see if there were traditional games in public spaces and identify the sacred places of the neighborhood, together with the teacher of Religious Education. The students observed few children playing in the streets, took the path to climb trees and swing on a tire swing, they also identified the churches and sacred symbols. Upon returning to school, we collected the information collected and did a small analysis. At another time, the parents of Cycle I children were invited to participate in a conversation about traditional games and the making of scrap toys. The students of Cycle II made a map of the play, marking points for games. Besides the enthusiasm provoked in the students, the activities promoted a reflection on the lack of public spaces destined to the infantile public. I realized that in addition to mobilizing the students I launched a change in the class vision about some colleagues in the profession, who sought me to make this proposal with other classes. With much hope for a break in paradigms, I intend to continue the project, always deepening my praxis.

**Key words:** educational alternatives 1. street games 2. school-community integration 3.



## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - CRIANÇAS EXPLORANDO .....	8
FIGURA 2 - DESCOBRINDO ESPAÇOS SAGRADOS .....	9
FIGURA 3 - CONHECENDO MELHOR O PASSADO .....	10
FIGURA 4 - RECORTES DE VIVÊNCIAS.....	11
FIGURA 5 - CONSTRUÇÃO DE BRINQUEDOS .....	12
FIGURA 6 - BRINCADEIRAS NA RUA .....	13
FIGURA 7 - CONHECENDO ESPAÇOS DE LAZER.....	14
FIGURA 8 - CAMINHANDO COM PARCEIROS.....	15

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	1
2 MEMÓRIA DE VIDA .....	3
3 RELATO.....	6
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	16
REFERÊNCIAS.....	18

## 1 INTRODUÇÃO

“Fazer diferente”: frase inquietante que está sempre pululando em minha mente. Não sei precisar a partir de quando ela tem me incomodado, mas sei que desde que me lembro por gente procuro fazer as coisas de forma diferente. Talvez para que venha a me destacar perante outras pessoas, ou para que não seja encaixotada como todos. Sejam nas minhas apresentações de trabalhos escolares do Ensino Médio ou nas organizações das aulas que ministro, procuro sempre trazer alguma distinção do que já foi apresentado. A repetição cotidiana e acomodada é um tormento para mim e procuro fugir dela. Entretanto, 11 anos exercendo a mesma função, praticamente nos mesmos locais e com as mesmas faixas etárias acaba por nos impelir às práticas automáticas e rotineiras.

Início de fevereiro de 2017, semana pedagógica da rede Estadual de Ensino do Paraná, deparo-me com o texto “A arte de produzir fome” de Rubem Alves. O texto é magnífico e nos foi trazido para discussão entre a equipe docente do Colégio que trabalho. A discussão deveria girar na elaboração de estratégias motivadoras para os alunos não se evadirem da escola. No entanto, as linhas da discussão variaram entre as mais diferentes: a família não está presente, os alunos não têm mais interesse, o Estado não nos dá mais condições etc. Já incomodada com esses dizeres, coloco para meus colegas de profissão uma questão “É essa nossa realidade, são estas nossas condições, o que poderíamos fazer frente à estas constatações? Como trabalhamos com um estudante com essas características?” Parece que minha fala foi ao vento. Continuaram as reclamações, sem efetivas propostas. Meu incômodo permanece, mas sem encontrar parceria entre meus pares, começo a procurar espaços alternativos para discussão sobre educação. Descubro o prazo final para inscrição em uma especialização denominada Alternativas para uma Nova Educação (ANE) e fico muito animada em concorrer uma vaga. O processo de seleção já se mostrava alternativo, deveríamos escrever uma carta relacionando nossa intenção de ingresso ao curso com o Projeto Político Pedagógico da UFPR setor litoral. No último dia consigo enviar todos os documentos e fico aguardando resposta positiva.

Vaga conquistada, embarco em um projeto de educação preocupada com a alteração do paradigma educacional regional, que visa uma educação comunitária,

auto e socialmente responsável, pautada pelos princípios da integralidade, solidariedade, democracia, autonomia, responsabilidade, cooperação e dignidade.

## 2 MEMÓRIA DE VIDA

Nascida em 6 de abril de 1983, tive uma infância muito tranquila e feliz. Minha vida acadêmica iniciou aos 5 anos na antiga 1ª. série do Ensino Fundamental. Entrei na educação formal com um ano de antecedência de forma bem natural, sem maiores dramas, vantagens ou imaturidade. Sempre muito tímida, nunca fui uma aluna muito brilhante, mas também não tirava notas abaixo da média. Acredito que a mesma timidez que me atrapalhava em alguns momentos, fazia eu ser muito observadora e atenta à tudo.

Quando estava na 8ª. série realizei um teste vocacional que tinha o objetivo de apontar quais seriam as carreiras mais adequadas para meu perfil. O resultado apontou para Educação Física, Nutrição, Medicina e Fisioterapia. Esse resultado apenas confirmou meu desejo: prestar vestibular para o curso de Educação Física. Aos 16 anos, após conseguir ser aprovada em meu primeiro vestibular na UFPR, era caloura do curso de Educação Física. Apesar de muito nova, sempre tive convicção de que havia escolhido o curso certo, só não tinha certeza de que área gostaria de atuar. Logo após minha formatura, no ano de 2005, prestei concurso público para o magistério Estadual e Municipal e fui aprovada em ambos. Iniciava, assim minha caminhada como professora na rede pública de ensino.

Como egressa de uma Universidade Pública, sempre tive em minha mente que era meu dever devolver para a sociedade o que ela havia investido em minha formação. Como cidadã, sempre almejei uma sociedade diferente, para tanto, minhas práticas profissionais deveriam ser exercidas da melhor forma. Não sei bem ao certo quando surgiu meu desejo de ser professora, talvez nunca tivesse sido a carreira idealizada para minha vida. Acredito que ela cresceu em mim a medida que fui amadurecendo como profissional.

Procurei em minha trajetória profissional trabalhar de formas diferenciadas. Participei de projetos na Prefeitura por 5 anos consecutivos. Sempre vi nos projetos uma diferente possibilidade de trabalho, fora dos moldes tradicionais. Era nos exigido uma base teórica, encontros com um professor orientador e uma produção quase que científica para nossas práticas. No entanto, este programa, por se tratar de uma proposta política, acabou se perdendo na troca de gestão.

Em 2014 participei de um projeto do Governo Federal denominado Pacto para o Ensino Médio, onde professores recebiam uma bolsa auxílio em troca da participação em grupo de estudo sobre uma nova organização do Ensino Médio. Esses encontros com os colegas professores eram muito enriquecedores pois pensávamos em alternativas e discutíamos sobre a eficiência da educação tradicional sobre os jovens. Criamos mecanismos e discussões que nos levava a mudança em nossa prática e implementação de projetos educativos em nossa escola. Muito de meu desejo de mudança foi fortalecido por esse grupo de professores que também tinha essa mesma chama acesa dentro deles. Um destes meus colegas, com que tinha conversas muito agradáveis sobre alternativas para a educação, me disse que às vezes se sentia como um ET nas reuniões pedagógicas da escola. Percebi que também me sentia.

Parte da responsabilidade para a educação tradicional estar presente até os dias de hoje no cotidiano escolar é do professor. É difícil colocar o dedo na ferida, mas sem tirar os estilhaços do corte, ele nunca cicatrizará. O docente dificilmente assume essa parcela da culpa em todo esse processo. Um dos motivos é que ele também teve essa mesma formação que acredita ser a mais eficiente. Além de que, é mais fácil culpar o outro que a si mesmo.

Acredito que o professor deveria estar em constante formação e por isso, nessa minha caminhada percebo que melhorei em muitos aspectos, mas ainda preciso evoluir muito. Muitas vezes percebo que o sistema me contamina e que algumas situações nos levam a nadar em favor da correnteza e me deixar levar. No entanto, agarro-me firme na ideia de uma sociedade mais justa e procuro outra forma de nadar contra a maré.

Juntamente com minha carreira profissional também nasceram minhas duas filhas, uma em agosto de 2013 e outra em julho de 2015. O nascimento delas também me fez refletir e ler muito mais sobre educação, desde a formação da personalidade até a organização da linguagem. Para mim, ficou muito clara a importância da educação infantil nesses primeiros anos. Também me questionei muito sobre que tipo de educação gostaria para minhas filhas e que tipo de sociedade gostaria que elas vivessem. Muitas crenças que eu cultivava há tempos foram substituídas. Meu olhar sobre as crianças modificou muito. Minha forma de dar aula também.



Foi a soma de todos estes fatores me motivaram a procurar o curso da ANE. Queria conhecer melhor sobre Alternativas educacionais e como poderia aplicá-las em minha realidade. Não encontrei uma resposta, mas vários caminhos.

### 3 RELATO

Na primeira aula da ANE todos os alunos perceberam, instantaneamente, que seria um curso diferente. Professor Valdo e professora Lenir nos deram as boas-vindas e fizeram uma explanação sobre a forma que foi concebido o setor da UFPR Litoral. Frisaram fortemente a organização curricular diferenciada e o envolvimento das atividades acadêmicas com a comunidade local como diferenciais deste campus. Iniciamos com as apresentações de todos os alunos matriculados e recebemos nossa primeira grande tarefa, elaborar um projeto de aplicação de uma alternativa de educação em algum ambiente educacional, fazendo valer o documento que rege o setor UFPR Litoral:

A organização da formação discente ao privilegiar a investigação/ação por meio dos projetos de aprendizagens possibilita ao educando o exercício da construção da leitura da realidade concreta. Esse exercício, mediado pelos espaços dos fundamentos teórico-práticos e das interações culturais e humanísticas, no diálogo com seus pares, professores e o meio social, vai construindo as condições objetivas viabilizadoras de sua autonomia, aqui entendida como um processo emancipatório. (...) as sínteses desencadeadas por esse processo educacional darão suporte aos sujeitos desse processo educativo para tomar novas posições e realizar novas proposições, construindo condições objetivas para novos saltos qualitativos no processo de formação acadêmico e na realidade das comunidades envolvidas. (PPP UFPR LITORAL 2008, p. 12)

Muitas dúvidas e indagações surgiram na formulação do projeto, afinal, o que seriam alternativas para uma nova educação? Sem me ater muito a bibliografia já existente, agarrei a primeira ideia que me veio à cabeça: Brincadeiras. Porém, precisava envolver a comunidade. Sofistiquei: Brincadeiras de rua no bairro.

Há algum tempo, tenho percebido que vem aumentando o número de crianças com defasagem nas habilidades motoras básicas e conseqüentemente (ou coincidentemente), apresentando dificuldade na aprendizagem de língua portuguesa e matemática. Procurando as respostas para esta constatação, perguntei a elas do que brincavam e onde o faziam. Muitas relataram que brincavam em casa, com alguns jogos de tabuleiro ou eletrônicos, sem possibilidade de ir aos parquinhos e ruas do bairro. Tinha matado a charada, as crianças não brincam mais nas ruas e chegam na escola com um desenvolvimento motor cada vez mais comprometido, com menos autonomia e disponibilidade de resolver pequenos conflitos entre eles mesmo. Segundo Freire (1994, p. 30) “quando o homem compreende sua realidade,

pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio”.

Compreendendo minha própria realidade, provoquei os estudantes a pensarem sobre ela. Vasconcelos (2005) afirma que o trabalho principal do professor é fazer com que os alunos se debrucem sobre a realidade, buscando entendê-la, tendo como mediação para isto os conteúdos. Questionei quantos dos alunos brincavam na rua e menos da metade deles relatou que tinha essa prática. Foi daí que surgiu a inspiração para a pesquisa de campo com o intuito de observar as brincadeiras praticadas nas ruas do bairro. De acordo com Morin (2013, p. 38) “conhecer o humano é, antes de tudo, situá-lo no universo, e não separá-lo dele (...) Todo conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente. Quem somos? é inseparável de onde estamos? De onde viemos? Para onde vamos?”.

Uma pesquisa de campo não era o suficiente em um projeto de alternativa para uma nova educação. Ele precisava envolver outras áreas do conhecimento, integrando saberes. Conversei com a professora de Ensino Religioso se ela toparia nos acompanhar na pesquisa pelas ruas do bairro para também observar os templos sagrados da região. Ela topou o desafio e planejamos juntas os encaminhamentos da atividade. De acordo com Libâneo (1998, p. 33):

A organização escolar interdisciplinar é um modo de efetivar a atitude interdisciplinar e se expressa na elaboração coletiva do projeto pedagógico e nas práticas de organização e gestão da escola. Começa, portanto, com a integração dos professores das várias disciplinas e especialistas num sistema de atitudes e valores que garantam a unidade do trabalho educativo e se viabiliza por um sistema de organização e gestão negociado. É uma prática organizacional nova que possibilitará a intercomunicação de saberes, atitudes, valores, fulcro da interdisciplinaridade. (LIBÂNEO, 1998, p. 33).

O trajeto foi previamente pensado pelas professoras, pois não gostaríamos que houvesse problemas no percurso, estávamos receosas de conduzir tantos alunos pelas ruas, e também deveríamos proporcionar uma saída rica de experiências. Pedimos o auxílio do guarda municipal que trabalha na escola no acompanhamento das crianças.

Realizamos esta atividade com duas turmas de 2º. ano e duas do 3º. ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professor Erasmo Pilotto, Curitiba - PR. Uma orientação prévia foi dada às crianças com relação à segurança da caminhada e do respeito aos moradores da região. Os estudantes estavam muito animados e corresponderam aos nossos pedidos.

Nas primeiras aulas, passamos em frente à uma casa que tinha um balanço de pneu amarrado em uma árvore. Com medo de que os moradores da residência não gostassem que as crianças utilizassem o brinquedo, eu e outra professora não os deixamos brincarem, para a frustração de muitos deles. Na outra turma, transitamos por ali novamente, mas para nossa surpresa, um dos alunos que estava realizando a atividade era morador da residência, então nos sentimos mais confortáveis para brincar no balanço e subir na árvore. Algumas crianças relataram que nunca haviam subido em árvores e ficaram muito animadas com o fato de estarem aprendendo uma habilidade nova. Morin (2013) ressalta que o exercício livre da curiosidade, função mais viva durante a infância e adolescência, estimula o uso total da inteligência geral.

FIGURA 1 - CRIANÇAS EXPLORANDO



FONTE: Patrícia Argenton (2017)

As crianças fizeram várias constatações no caminho percorrido, observaram se existiam outras crianças brincando na rua, quais brinquedos foram identificados no trajeto, quais espaços e templos sagrados existem ao redor da escola, além de outras tantas mais. Muitos deles apontavam a rua que moram ou que parentes moram e faziam observações sobre moradores e comércio locais entre outras coisas.

FIGURA 2 - DESCOBRINDO ESPAÇOS SAGRADOS



FONTE: Patrícia Argenton (2017)

Ao retornarem à escola, pedimos que fizessem o registro, em desenho ou escrita, das nossas observações. De acordo com Vasconcellos (2005, p. 118) “É o momento, no processo didático na perspectiva dialética, em que o educando, tendo percorrido as etapas anteriores de aproximação e análise do objeto, deve ter a oportunidade de sistematizar o conhecimento que vem adquirindo e expressá-lo concretamente”. Retratarem os templos sagrados e alguns brinquedos que encontramos no caminho. As professoras retomaram alguns apontamentos feitos, como a escassez de brincadeiras na rua. Eles levantaram que alguns pais não deixavam sair para brincar fora de casa, outros que a rua é muito movimentada, falta de segurança, o clima desfavorável e que no período da tarde as crianças estavam na escola. Identificaram as igrejas presentes pelo caminho, relacionando-as com suas crenças e a de seus familiares, reconhecendo os símbolos sagrados de cada uma delas. Alguns estudantes expuseram o formato das celebrações e a organização dos templos observados.

Nas aulas seguintes continuamos trabalhando sobre as brincadeiras tradicionais, então convidamos duas funcionárias que trabalham há mais tempo na escola para relatarem quais eram seus passatempos infantis. Os estudantes puderam fazer perguntas à elas as quais explicavam como divertiam-se quando crianças. Brincaram então de lenço atrás e pega-pega, sugestão de nossas convidadas.

FIGURA 3 - CONHECENDO MELHOR O PASSADO



FONTE: Patrícia Argenton (2017)

Concomitante ao projeto que estava desenvolvendo, vários outros colegas da ANE realizaram suas ações. Procurei envolver-me observando as mais diferentes realidades e intervindo nas mais diversas atividades. A cada proposta conseguia perceber a riqueza de participar de uma turma tão heterogênea e o crescimento que cada uma delas me proporcionava. Conheci e compreendi o dia-a-dia do acampamento do MST José Lutzenberger em Antonina com a colega Sara, fui ajudar com a horta comunitária na ilha de São Miguel em Paranaguá com Lurian, visitei e desmistifiquei a rotina da tribo indígena Araçaí de Piraquara com Mayara e Landir, participei de uma roda de conversa sobre a importância dos jogos na educação na Escola Santo Agostinho com Diego, presenciei a projeção do filme “Território do Brincar” em Piraquara com Luciane, subi morro observando e aprendendo mais sobre natureza com Priscila na Chácara Corta Vento, em São José dos Pinhais. De acordo com Freire (2002, p. 30):

“O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar mas para mudar. No próprio mundo físico minha constatação não me leva à impotência. (...) Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. É por isso também que não me parece possível nem aceitável a posição ingênua ou, pior, astutamente neutra de quem estuda, seja o físico, o biólogo, o sociólogo, o matemático, ou o pensador da educação. Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade.” (FREIRE, 2002, p. 30)



FIGURA 4 - RECORTES DE VIVÊNCIAS



FONTE: Patrícia Argenton e Samyra de Lourdes Stephan (2017)

Outra tarefa dada no curso foi que o projeto deveria culminar em uma atividade coletiva para os demais estudantes da ANE. Após tantos debates nas aulas e participação nas ações coletivas pensei em uma forma de envolver escola e comunidade. Olhando para minha escola, uma das maiores queixas da Equipe diretiva e pedagógica era a ausência da participação dos pais na escola. Pensei em envolvê-los na proposta da ação. A data escolhida foi 25 de novembro de 2017, sempre centrando as ações e reflexões nas brincadeiras.

Os pais dos estudantes do Ciclo I foram convidados para uma roda de conversa onde debatemos a importância da brincadeira na educação e formação da criança. Estiveram presentes seis pais na roda, que relataram quais foram as brincadeiras que faziam na infância e qual era a sua visão sobre a importância do brincar. Depois deste momento inicial, eles foram convidados a criar brinquedos com algumas sucatas disponíveis na escola. Nenhum brinquedo foi direcionado, eles deveriam criar a partir dos materiais disponíveis. Foram feitos bilboquê, vai-e-vem, telefones de copo e outros brinquedos. Além disso, os adultos foram convidados a brincar com as crianças, propiciando um momento lúdico e divertido dentro da escola.

FIGURA 5 - CONSTRUÇÃO DE BRINQUEDOS



FONTE: Samyra de Lourdes Stephan (2017)

A segunda etapa da atividade consistia em ocupar a rua com brincadeiras tradicionais, no entanto, a direção da escola não achou viável fechar a rua sem autorização prévia da Prefeitura e como esse processo seria muito moroso e burocrático, achamos melhor partir para um plano B. Fariamos um mapa do brincar. Os alunos do Ciclo II receberam uma prancheta com um mapa impresso das ruas da região. Neste mapa deveriam registrar quais árvores são mais legais para brincar, que ruas são apropriadas para soltar pipa, quais são adequadas para andar de bicicleta, entre outras mais. Alves (2004, p. 91) afirma que “os mapas, antes de existirem no papel, existem como realidades virtuais, como ideias. A construção de mapas é, talvez, nosso primeiro impulso de aprendizagem da vida. Os mapas são criados para marcar os caminhos, trilhas por onde caminhar no espaço abstrato do mundo. Servem para nos levar do lugar onde estamos para o lugar onde desejamos ir.”

A ideia era ocupar novamente a rua com brincadeiras. Passamos por algumas quadras e encontramos algumas árvores que poderiam ser escaladas e as crianças o fizeram. Também passamos por uma rua de cascalho, que não tem muito trânsito de carros e deixamos as crianças brincar pela rua de pega-pega. Elas se divertiram muito, apesar de algumas professoras que acompanhavam a atividade tentarem controlar a todo o tempo a expressão delas.

FIGURA 6 - BRINCADEIRAS NA RUA



FONTE: Samyra de Lourdes Stephan (2017)

Tive certa dificuldade em fazer uma avaliação no retorno da atividade a não ser pela fala das crianças após a atividade. Estava parcialmente satisfeita, pois os alunos fizeram relatos de aprendizados das mais diferentes formas, havia mobilizado e movimentado a prática de alguns docentes da escola, no entanto, na minha percepção ainda não havia ocorrido um envolvimento efetivo da comunidade escolar. Era preciso mais que uma saída de campo para conseguir atingir este objetivo.

Com essa questão em mente iniciei meus trabalhos em 2018. Além de tudo, tenho como premissa profissional uma afirmação de Alves (2011, p. 58) “quando um professor tenta ensinar alguma coisa, tem de pressupor que aquilo é importante, não vai ser esquecido, vai fazer diferença na vida do aluno. Caso contrário, seu trabalho não terá sentido”.

Decidi repetir essa atividade com o 3º. ano do Ensino Médio em uma escola estadual que trabalho. A proposta era visitar os espaços de lazer do bairro e verificar quais as condições deste local. Fomos à uma pequena praça que fica à cerca de 600 metros da escola. Levantamos o estado de conservação do local que havia alguns equipamentos danificados e falta de jardinagem.

FIGURA 7 - CONHECENDO ESPAÇOS DE LAZER



FONTE: Wanderlei Carvalho Rodrigues (2018)

Retornando à escola questionei os alunos sobre de quem é a responsabilidade de conservação da praça, quem utiliza, a quem pertence este espaço entre outras questões. Os alunos souberam apontar algumas responsabilidades, no entanto mostraram-se descrentes com relação ao cuidado e manutenção pelo poder público. Na aula seguinte, perguntei aos estudantes com relação a qualidade e quantidade dos espaços de lazer disponibilizados à população. Eles queixaram-se da falta de opção, o descaso da prefeitura com relação aos espaços disponíveis e que deveria haver um plano de governo prevendo obras de lazer. Por outro lado, disseram que não acreditam em uma atuação dos agentes públicos na execução de obras deste tipo. Um dos alunos chegou a relatar que o pai havia coletado assinaturas em um abaixo-assinado para instalação de lombada em sua rua e que não avançou em sua implementação por falta de vontade política. Freire (1994, p. 16) fez um questionamento relacionado a isso quando afirma que “se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissoluvelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso.” Lancei-lhes a pergunta: como poderíamos melhorar este local? Como poderíamos pedir novos espaços para o lazer? Não obtive respostas ainda.

Neste ano, na mesma escola que inicialmente apliquei o projeto, duas professoras regentes de 3º. ano pediram-me para acompanhá-las pelas ruas do bairro, tanto para desenvolver um conteúdo de geografia, sobre sinalizações e outros elementos, como para observar espaços para brincadeira. Essa atitude de minhas colegas foi muito importante, pois agora percebia que estava mobilizando

outras pessoas, que identificaram diferentes formas de ensinar e quem sabe, semeando uma comunidade de aprendizagem. Segundo Pacheco (2014, p, 42):

“Aprender em comunidade requer a adoção de princípios transformadores. É a cultura pessoal e profissional do educador que está em causa. Ter-se-á de entender que a teoria não antecede a prática e que é a dificuldade sentida na prática que justifica a busca de teoria, com vista a uma práxis coerente. É um erro pensar que a teoria precede a prática, assim como agir na prática desprezando a teoria. A necessária reelaboração cultural requer alteração de padrões atitudinais, que são complexos e de modificação gradual.” (PACHECO, 2014, p. 42)

Passamos novamente por algumas árvores onde os alunos puderam subir. A animação das crianças era muito visível. Todos ficaram muito atentos durante o trajeto, identificando placas de sinalização e algumas árvores para serem escalada. As professoras também acharam muito válida a experiência, contando que o aprendizado das crianças foi muito visível e significativo.

FIGURA 8 - CAMINHANDO COM PARCEIROS



FONTE: Patrícia Argenton (2018)

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que entrei na ANE muitas de minhas práticas têm sido repensadas e reelaboradas. Muitos muros caíram e muitos conceitos mudaram. Ainda existe um turbilhão de ideias que estão se organizando em minha cabeça.

Percebo que minha antiga prática docente era como um carro sem motor, aparentemente tem uma grande utilidade, mas como não sai do lugar, não serve muito. Como estava tentando fazê-lo andar, empurrava-o, através de planos de aula elaborados e com multimeios, ou colocava gasolina, fazendo cursos de capacitação dos mais diversos, mas não obtinha muito sucesso. Alguém me deu a dica de que o carro não estava se movimentando porque estava sem motor, que o que estava fazendo não ia adiantar muito, se minhas tentativas não mudassem, continuaria a ter os mesmos resultados. Agora, consciente de que ele precisa de uma engrenagem e com as peças para montá-lo preciso descobrir como faço para juntar tudo isso e fazer funcionar. Às vezes vem alguém de fora falando que não entendo nada de mecânica e que não vou conseguir montar motor nenhum. Nesse momento convido meus companheiros de caminhada a ajudar a apertar parafusos e continuo na montagem.

Vasconcellos (1996, p. 12) conseguiu resumir muito bem meu trajeto futuro:

“O ânimo para a luta vem, de um lado, da clareza de horizonte, da perspectiva teórica, do projeto, e, do outro, da caminhada comum, da convivência, das novas experiências (ainda que pequenas), do apoio do grupo. É certo que este é um dos maiores desafios para a educação escolar hoje, pois a nossa sociedade, da forma como está organizada, tem o mérito de estraçalhar o homem, fragmentá-lo todo, aliená-lo de seu trabalho e de si mesmo; no entanto, o avanço do processo democrático depende de sujeitos que o assumam historicamente.” (VASCONCELLOS, 1996, p. 12)

Compreendo que ainda não consegui avaliar de forma apropriada os aprendizados dos alunos, preciso melhorar minha comunicação com meus colegas de profissão, a fim de aumentar a rede de pessoas dispostas a provocar mudanças na escola, mudar alguns encaminhamentos que estão arraigados em minha prática entre outras coisas mais. Mas a tomada de consciência já aconteceu e aos poucos as mudanças irão acontecer. Pretendo aprimorar o projeto que foi aplicado, reorganizando-o de acordo com minhas reflexões, buscando novas parcerias e vislumbrando a formação integral do estudante.



Assim como José Pacheco, tenho muita esperança de que é possível construir uma escola mais humana, aberta, solidária, amorosa e onde os aprendizados sejam efetivos. Mas não é uma esperança no sentido de esperar acontecer e sim de que farei o possível para que esse desejo seja alcançado. Continuo questionando meus colegas professores sobre o que nossos estudantes estão aprendendo. Quem sabe através de perguntas consiga incomodar e provocar alguma mudança na prática de cada um. Talvez esteja utilizando a estratégia errada, mas como não existem modelos prontos que possam ser copiados, continuo fazendo o caminho ao caminhar.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A pedagogia dos caracóis** (recurso eletrônico) 1ª. Edição. Campinas: Verus, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Aprendiz de mim**: um bairro que virou escola. 1ª. Edição. Campinas: Papirus, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 20ª. Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25ª. Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 1ª. Edição. São Paulo: Cortez, 1998.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro** (livro eletrônico). 1ª. Edição. São Paulo: Cortez, 2013.
- PACHECO, José. **Aprender em Comunidade**. 1ª. Edição. São Paulo: Edições SM, 2014.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR LITORAL. **Projeto Político Pedagógico**. Matinhos, 2008.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 16ª. Edição. São Paulo: Libertad, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Para onde vai o Professor?** Resgate do Professor como Sujeito de Transformação. 2ª. Edição. São Paulo: Libertad, 1996.